

Os povos Guarani e suas relações cotidianas: uma memória em construção ¹

Larissa Albuquerque de Alencar

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas
Doutoranda em Design – Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte,
Minas Gerais

Bolsista PROPG-CAPES/FAPEAM – Programa de Bolsas de Pós-Graduação em Instituições
fora do Estado do Amazonas

 <https://orcid.org/0000-0002-7055-2527>
E-mail: la.alencar86@gmail.com

Luciana de Castro Maeda Avellar

Doutoranda em Design – Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte,
Minas Gerais

Bolsista CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

 <https://orcid.org/0000-0002-9839-8138>
E-mail: lutavellar@gmail.com

Marcelina das Graças de Almeida

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte, Minas Gerais

 <https://orcid.org/0000-0001-5174-0103>
E-mail: almeidamarcelina@gmail.com

Resumo: Os indígenas da etnia Guarani - considerados os povos mais antigos do Brasil; são detentores de uma grande riqueza cultural que vem sendo fragmentada devido aos diversos processos de transformação social a que têm sido submetidos. Diante desse cenário, entender como eram configuradas as primeiras moradias do território nacional é de suma importância não somente para o registro histórico e de memória dos povos indígenas, mas, também, para compreender aspectos que envolvem a relação do ser humano com o espaço habitado na contemporaneidade. Para este fim foi realizada uma pesquisa qualitativa com o foco na narrativa que descreveu, a partir de registros documentais e bibliográficos, os costumes e as relações que ocorrem no âmbito de suas habitações o que resultou em um breve registro das questões de origem da diversidade cultural com ênfase na abordagem comportamental sob a ótica da moradia e do papel da mulher dentro dessa sociedade.

Palavras-chave: Povos Guarani; Relações Cotidianas; Memória; Moradia; Gênero.

The Guarani peoples and their everyday relationships: a memory under construction

Abstract: The indigenous people of the Guarani ethnic group - considered the oldest people in Brazil; are holders of a great cultural wealth that has been fragmented due to the diverse processes of social transformation to which they have been subjected. Given this scenario, understanding how the first homes in the national territory were configured is of paramount importance not only for the historical record and memory of the indigenous peoples, but, also, to understand aspects that involve the relationship of human being with the space inhabited

in contemporary times. To this end, a qualitative research was carried out with a focus on the narrative that described, from documentary and bibliographic records, the customs and relationship that occur in the context of their dwellings which resulted in a brief record of the issues of origin of cultural diversity with an emphasis on the behavioral approach from the perspective of housing and the role of women within this society.

Keywords: Guarani people; Daily Relationships; Memory; Home; Gender.

Texto recebido em: 16/04/2021

Texto aprovado em: 15/06/2021

Introdução

*“Somos parte da terra e ela é parte de nós”
autor desconhecido*

Brasil 500 anos? Não. Muito antes dos europeus chegarem ao Novo Mundo - que só era novo porque a Europa se considerava velha, já existia uma civilização. Segundo Schwarcz e Starling (2018, p. 43) “tinham, mesmo, suas próprias sociedades, valores, linguagens, costumes e rituais”. Os povos ameríndios, conforme citou o filósofo e historiador indígena Ailton Krenak no documentário “Guerras do Brasil”, já habitavam o território denominado América há mais ou menos 4.000 anos e haviam aqui, construído as bases de uma civilização. Existiam entre 8 e 40 milhões de habitantes ao longo de todo o território, que se compõe hoje nas: América do Norte, América Central e América do Sul (GUERRAS, 2018, cap. 1).

Ao longo do território hoje conhecido como Brasil, viviam mais de 1000 povos distintos; cada qual com seus costumes, culturas e dialetos; integrados com a natureza; onde cada tribo tinha sua autonomia e ambas conviviam entre si - significado de sua cosmovisão.² Com a chegada dos europeus e os 500 anos de colonização, de certa forma, transformaram o Brasil em um país pluriétnico onde os índios são, ou deveriam ser considerados, símbolo da diversidade e parte da riqueza cultural do país. Porém, a história aponta para um rumo bem diferente para essa parte da civilização brasileira. De acordo com Cohn (2001, p. 36) “a história não tem sido fácil para os índios, que tiveram que lutar para sobreviver a epidemias, guerras, escravidão, aldeamentos e esforços de integração à população nacional – e foram poucos os que conseguiram”.

De certa forma a imposição da cultura europeia e o esforço para “educar” e catequizar os povos indígenas acabou por descaracterizar sua cultura e mudar

muitos dos seus costumes e ritos, prejudicando a perpetuação de sua cultura material e de suas memórias. Esse fato também pode ser associado à escassez de fontes escritas – uma vez que em grande parte desses povos as tradições são mantidas e perpetuadas através das gerações a partir da oralidade e ficam restritas, em sua maior parte, aos habitantes deste grupo, ou seja, é pouco difundida para comunidades distintas. Fato este que limita as possibilidades de estudo, bem como o acesso ao conhecimento da forma original dessa cultura.

Dessa maneira, o presente estudo, além de objetivar o entendimento da configuração das primeiras moradias dos povos indígenas da etnia Guarani³ no território brasileiro, antes da colonização europeia - sob a ótica do *modus vivendi*, busca ainda compreender a etnia Guarani e seus arranjos sociais e de gênero, por entender que, segundo Cohn (2001, p. 35) “os índios Guaranis formam o maior povo nativo, em quantidade de indivíduos vivendo no Brasil” e que, segundo registros, sua origem data de mais de 3500 anos onde seu território compreendia uma das maiores reservas do território nacional, cobrindo as regiões hoje conhecidas como o Pantanal, parte do Mato Grosso; o noroeste paulista; uma parte do Paraná, do Rio Grande do Sul e se comunicando com a região dos povos andinos.

Diante desse cenário, entender como eram configuradas as moradias dos primeiros habitantes do território brasileiro é de extrema importância não somente para registro histórico e de memória – visto que muito da cultura indígena se perdeu ao longo do processo de aldeamento e de destribalização (RIBEIRO, 1977, p. 7) dos povos indígenas; como também por permitir compreender aspectos que envolvem a relação do ser humano com o espaço habitado do ponto de vista dos costumes e tradições locais, que de certa forma aparecem na contemporaneidade, uma vez que o índio é o principal personagem da história do Brasil (COHN, 2001, p. 37).

Sendo assim, o interesse pelo tema surgiu a partir da indagação: como se configuravam as primeiras moradias dos povos da tradição Guarani no Brasil e qual o papel da mulher nessa sociedade? De modo que se busca não apenas compreender o seu *modus vivendi* como registrar a cultura material e imaterial de origem do país e de certa forma identificar traços dessa cultura na casa urbana contemporânea, pois, os indígenas não só têm uma história própria, como são parte da nossa; e, estarão presentes no nosso futuro, ou seja, são parte fundamental da sociedade brasileira (CUNHA, 2002, cap. 2).

Cabe ressaltar ainda que, este estudo pode ser futuramente desdobrado e enriquecido, uma vez que aqui não se tem a pretensão de elaborar um levantamento detalhado a respeito das moradias e nem um estudo aprofundado nas questões de gênero – em especial o feminino, dos povos Guarani. Se pretende colocar um primeiro “bloco” na construção dessa história, de modo que realizou-se um estudo qualitativo em busca de dados narrativos que descrevessem, a partir de registro documentais e bibliográficos, as moradias dos índios Guarani desde os primórdios da sua formação, assim como os utensílios utilizados em suas moradias, seus costumes no que se refere a casa e as relações familiares e sociais que ocorriam nesses ambientes, o que resultou em um registro de memória e patrimônio nacional daquelas que podem ser consideradas as primeiras casas do Brasil, cujos traços como a forte relação da mulher com os espaços de moradia e a hospitalidade ainda podem ser percebidos nas casas contemporâneas.

A importância da preservação da memória cultural de um povo

Para o melhor entendimento do que é a memória cultural de um povo é interessante que se conheça os aspectos do patrimônio cultural, seja ele material ou imaterial, que fazem parte da identidade coletiva deste grupo. Nesse contexto, podemos entender como sendo o patrimônio cultural, segundo Rocha (2018, p. 4) “algo que recebemos do passado, vivenciamos no presente e transmitimos às gerações futuras”, e que nos transmite uma sensação de pertencimento conjugado aos sentimentos que formam as bases da identidade cultural de um povo (PELEGRINI, 2007, p. 3), onde, de certa forma permite o entendimento das transformações que levaram a formação da sociedade na contemporaneidade.

O patrimônio cultural é constituído também por outras formas de expressão relacionadas ao patrimônio vivo de uma sociedade, tais como: artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e falar, os rituais, as festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares; revelando os múltiplos aspectos que pode assumir a cultura viva e presente de uma comunidade (HORTA, 1999, p. 5).

Assim, fica mais fácil compreender quando o historiador francês Le Goff (1924-2014) afirma que a memória estabelece vínculos afetivos entre as gerações humanas e o tempo que as acompanha (ROCHA, 2018, p. 5). Conhecer a memória é conhecer a identidade. Segundo Candau (2019, p. 59) “sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece”. Sendo assim, a personalidade de um indivíduo emerge da memória, pode-se associar então que os objetos de memória refletem a identidade do indivíduo. Esses objetos são lembranças, marcas de momentos vividos e de pessoas que presentes ou não fizeram parte da história de uma vida, afinal segundo Halbwachs (1990, p. 16) “nunca estamos sós”.

Desse modo, entende-se que a memória é um campo vasto e pode ser artificial, coletiva ou individual, uma vez que perpassa pelo silêncio – aquilo que não se quer lembrar, ou seja, que deixa cair no esquecimento – e também atua na esfera das emoções interagindo com o ser humano, afinal é um elemento construtor de identidade. De acordo com Gondar; Dodebei (2005, p. 17) “o conceito de memória, produzido no presente, é uma maneira de pensar o passado em função do futuro que se almeja”.

A memória, segundo Halbwachs (1990, p. 50) “é o laço vivo das gerações”. Um conjunto de lembranças que são compartilhadas pelos membros de uma mesma família; a que Candau (2019, p. 95) se refere como sendo a busca identitária particular dessa família. De acordo com Pollak (1989, p. 7) “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis”, afinal essa busca pode esbarrar no esquecimento.

Quando as lembranças e as memórias são vividas, principalmente àquelas mais próximas, que são as recordações pessoais, há um impacto de ordem sensorial que aciona o campo das emoções no cérebro humano. Cada indivíduo reage de uma maneira, vai depender das suas experiências e de como aquelas lembranças agem no seu inconsciente. Para uns pode proporcionar uma sensação de prazer e bem-estar e para outros não, afinal o que está em jogo na memória é o sentido de identidade cultural individual e de grupo (POLLAK, 1989, p. 8).

A história de vida organiza os acontecimentos que balizaram uma existência, tenta estabelecer certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos chave – reais e estereotipados – e de uma continuidade que pede uma ordem

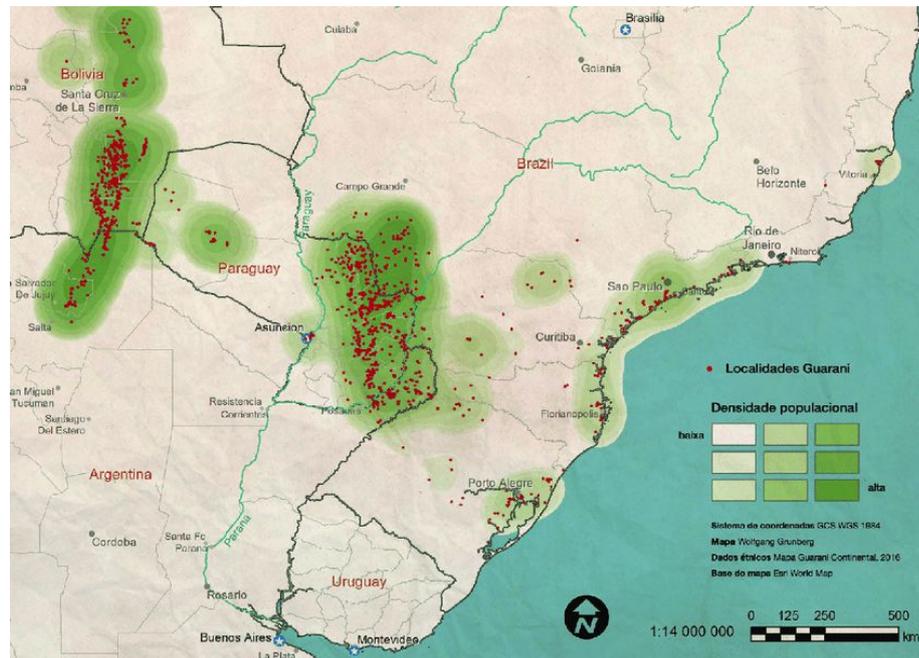
cronológica. A reconstrução de si e de suas memórias, leva os indivíduos a definirem seu lugar social e suas relações. A perda das referências memoriais leva a perda de equilíbrio, assim como evoca a perda da capacidade de organizar o mundo, conforme pontuou o historiador francês Pierre Nora (1931) em sua publicação *Les lieux de memoire* (Lugares de memória) de 1997.

Dessa forma, sabendo-se que os bens culturais tratam de todos os aspectos tangíveis e intangíveis que constituem uma comunidade, pode-se entender por cultura o registro de um povo que está em processo contínuo de transformação, pois cada nova descoberta é um dado a ser compreendido e assimilado pela comunidade, na qual se dará o processo de modificação e, por fim, a absorção ou rejeição, parcial ou total, deste novo elemento (SILVA; SOUZA, 2006, p. 216).

Assim sendo, tendo em vista que se pretende compreender como ocorreram e ainda ocorrem as relações entre o ser humano, sua moradia e os indivíduos na contemporaneidade, faz-se necessário recorrer às suas origens, ou seja, às bases da formação da sociedade brasileira, por meio da compreensão de sua história e memória, essenciais para a formação do patrimônio cultural. Para tanto, optou-se por estudar a etnia Guarani, uma vez que é um dos povos mais antigos do Brasil, cujos costumes e tradições encontram-se fortemente enraizados na cultura do país.

A etnia Guarani

Os povos Guarani habitavam o território denominado Brasil em toda a faixa litorânea, de norte a sul (ALONSO, 2013, p. 121). Considerados uma população homogênea, principalmente quando se trata da cultura e da língua, pode-se dividir esse grupo em dois. Ao Sul, ficavam os Guaranis, que de acordo com Schimtz (1979, p. 57) “tem origem nas florestas tropicais das bacias do Alto Paraná, do Alto Uruguai e extremidades do planalto meridional brasileiro”; e ao Norte ficavam os Tupinambás que segundo Schwarcz e Starling (2018, p. 46) “se estabeleceram na costa desde Iguape até o atual estado do Ceará. Estes últimos também estavam presentes no interior, entre os rios Tietê e Paranapanema”. Estudos arqueológicos e históricos apontam no século V, no entender de Ortiz (2019, p. 121) que “os Guaranis se separam dos Tupinambás, seguindo uma lógica própria de existência”. O território ocupado por esses povos segue ilustrado na Imagem 1.



Fonte: Grunberg, 2016.

FIGURA 1

Assentamento Guarani – Sistema de coordenadas: GCS WGS – 1984

Os Guaranis do Brasil Meridional são divididos em três grandes grupos, os subgrupos: *Guarani-Nhandéva*, que significa os que somos nós, os que são dos nossos; *Guarani-Kaiowá*, que significa povo da floresta; e *Guarani-Mbyá*⁴, que significa gente - sendo os *Kaiowá* o maior deles; “estes se diferem entre si pelo dialeto e também por particularidades da cultura material e não-material” (SCHADEN, 1974, p. 2), como diferenças de costumes ritualísticos, de organização política e social e das questões relacionadas à maneira de interagir e de interpretar a realidade.

O “homem branco” tem uma forte tendência a achar que povos com costumes e modos de vida diferentes devem ser catequizados ou ensinados a viver no modelo por ele imposto. Assim:

Na antropologia evolucionista de fins do século XIX, uma história comum a todos os povos culminaria na civilização ocidental, ápice da evolução, e as diferenças culturais ficavam subordinadas a uma concepção de estágios, ou estados, que deveriam ser ultrapassados. Funda-se então a missão civilizatória ocidental (COHN, 2001, p. 37).

A constituição ou formação dos povos indígenas se baseavam em suas crenças e valores. A base dessas crenças estava diante da análise do antropólogo Lévi-Strauss (1908-2009), no pensamento primitivo, ou seja, de acordo com Simpson (1961, p. 5. *Apud.* LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 25) “o postulado fundamental da ciência, é que a própria natureza é ordenada” e essa exigência de ordem, constitui a base do pensamento denominado primitivo assim sendo, “cada coisa sagrada deve estar no seu lugar” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 25).

Diante dessa reflexão, é possível entender que, ainda segundo Levi-Strauss (1989, p. 26) “os ritos e as crenças mágicas apareciam como tantas outras expressões de um ato de fé”. Assim sendo, a configuração espacial das tribos indígenas se dava em detrimento aos ritos e festas intrínsecos de cada cultura. Fato esse que se compreende a partir do conhecimento da formação das aldeias e moradias e as relações familiares inerentes à etnia Guarani.

1. Povos Guarani: moradia e suas relações familiares

Descrever exatamente como se constitui as tribos indígenas do ponto de vista da moradia torna-se um grande desafio para a contemporaneidade, conforme certifica Schwarcz; Starling (2018, p. 40), pois “até os dias de hoje há muita controvérsia sobre a antiguidade dos povos do Novo Mundo”, visto que cada uma das etnias dos povos indígenas tinham suas características culturais baseadas em seus valores e crenças sendo, cada qual, com suas peculiaridades o que os tornam diferentes entre si, conforme citado anteriormente.

As construções existentes no território ameríndio eram basicamente as malocas e as ocas indígenas, discutidas à frente, que juntas formavam as aldeias; e, durante o período da colonização europeia havia também “as casas de madeira com uma paliçada de defesa, que serviam de entreposto de mercadorias e abrigo de tropas”. Afinal “o país era um território selvagem, dominado pelas diferentes etnias indígenas” (SURIANI, 2003, p. 4).

Para os Guaranis – etnia estudada neste artigo; sejam os *Nhandéva*, os *Kaiowá* e os *Mbyá*, o território se denominava Aldeia de *Tekohá*⁵ – a palavra *Teko* significa: modo de ser, modo de estar, sistema, lei, cultura, norma, comportamento, hábito, costume. Assim, é no *Tekoha* que os Guarani realizam seu modo de ser. Um *Tekoha* é formado por uma família extensa que é um ente sociopolítico, econômico e

territorial autônomo, é a estrutura básica da sociedade Guarani, onde cada pessoa é parte de uma família extensa com a qual se identifica (POVO, [200-?], p. 8).

Segundo Schaden (1974, p. 25) “as aldeias, longe de constituírem conglomerados compactos de habitações, consiste em casas isoladas, mais ou menos distantes umas das outras, espalhando-se pela clareira aberta na floresta”; e, eram geralmente distribuídas no entorno da casa de reza ou casa ritual (*oyguatsú*), conforme ilustra a Imagem 2.



Fonte: Gestão Tupi, 2014.

FIGURA 2

Aldeia indígena Guarani no Brasil – configuração ortogonal

Configuradas de maneira ortogonal, esses assentamentos em forma de anel eram característicos do Brasil central e datam de cerca de 800 a 1500 d.C.; essas aldeias eram constituídas em sua maioria de 4 a 10 casas, onde, em cada maloca viviam uma numerosa família com pessoas relacionadas por laços de consanguinidade (ascendentes e descendentes), geralmente podiam ter de 300 a 400 pessoas em cada uma, que incluiu: avós, avôs, pais, mães, tios, tias, maridos, esposas, cunhados, cunhadas, filhos, filhas, sobrinhos e sobrinhas (POVO, [200-?], p. 8), sua localização na mata era escolhida geralmente pela qualidade da terra, ou seja, a terra deveria ser boa para o cultivo de milho e batata doce para a subsistência da tribo.

De acordo com Schwarcz; Starling (2018, p. 45) “as aldeias eram constituídas por um a três anéis de casas, tendo ao centro uma praça onde se desenvolviam cerimônias rituais”, ou seja, formando uma grande praça central denominada

ocara, na qual eram realizadas as atividades do dia a dia como: as festas, os rituais, as danças e as cerimônias; e, também onde era posicionada a fogueira utilizada no preparo dos alimentos da tribo. Essa fogueira de certa forma era itinerante:

Pode ser feita pelo pátio (*oka*), mudando constantemente de lugar. Podem ser feitas dentro das casas (*oga*), em dia de chuva ou com muito vento frio. Pode ser feita na beira do rio, em dia de pescaria ou de lavar as roupas. Também pode ser feita na roça, para alterarem o trabalho na roça com a preparação da comida (TEMPASS, 2005, p. 131-132).

As principais construções, conforme citado anteriormente, eram: as malocas, denominadas de *oguassu* ou *maioca* que significa casa grande, conforme ilustra a Imagem 3. De acordo com Suriani (2003, p. 4) “eram edificadas em barro, madeira e as diversas folhas de palmeiras. Não havia janelas e eram construídas com três entradas, uma em cada extremidade e uma ao centro, com um amplo salão”. Sua morfologia podia ser circular, retangular ou elíptica, divididas internamente pela estrutura do telhado que media, em média, 6m x 6m. Essa casa-grande ou cabana-grande eram assim denominadas por se tratar de uma casa que abrigava um núcleo familiar onde residiam muitas pessoas, podendo inclusive abrigar famílias distintas (SURIANI, 2003, p. 7); ou seja, é uma habitação coletiva, uma construção típica, parte fundamental da cultura material de inúmeras tribos Guarani (SCHADEN, 1974, p. 26).



Fonte: Portal do Aprendiz, 2018.

FIGURA 3

Construção de uma maloca - Brasil

Também havia as *ocas* (em Tupi) ou *ogas* (em Guarani), construções geralmente residenciais, feitas em palha e madeira, com um grande espaço livre interno e sem janelas direcionado à habitação de famílias individuais, ou seja, indivíduos de uma mesma classe parental, também comum à etnia Guarani (Imagem 4). E por falar em habitação, segundo Suriani (2003, p. 3) “a oca foi a primeira construção avistada pelos portugueses que chegaram ao Brasil”.



Fonte: Pinterest, 2021.

FIGURA 4

Oca típica da etnia Guarani – Brasil

19

Essas casas, eram o lugar preferencial das mulheres, nelas são realizadas as atividades domésticas como a produção e o preparo dos alimentos, sendo a área destinada ao preparo localizada na parte central próximo ao pilar de sustentação da cumeeira; e a confecção dos artefatos artesanais como as cestarias, os vasilhames, as redes e as esteiras.

Os subgrupos: os *Guarani-Nhandéva*, os *Guarani-Kaiowá*, e os *Guarani-Mbyá*, possuem como organização social, econômica e política o modelo família extensa ou grupo macro familiar, que se constitui por: um casal com seus filhos, seus irmãos, seus genros e noras, e seus netos no qual, de acordo com Ortiz (2019, p. 124) “a relação de consanguinidade e afinidade predominam em seu *tekohá*, onde geralmente cada parentela possui sua unidade própria”. As famílias nucleares, em algumas culturas como no caso dos *Nhandéva* e *Kaiowá*; em um determinado momento a configuração das cabanas-grande deu lugar a casas menores para famílias elementares, conforme ilustram as imagens 5 e 6, em resposta à aculturação que se deu nas diferentes esferas da cultura-material.



Fonte: Schaden, 1974.

FIGURA 5

**Casa de Guarani-Nhandevá – Sul do
Mato Grosso**



Fonte: Schaden, 1974.

FIGURA 6

**Casa de Guarani-Kaiowá – Sul do
Mato Grosso**

A divisão dos espaços que cada núcleo familiar ocupa no *tekohá*, normalmente é direcionada pelo líder familiar que pode ser o homem – avô (*tamõi*) ou em algumas famílias, principalmente dos *Guarani-Nhandevá* mulher – avó (*jary*). Esses espaços são distribuídos de modo que cada família nuclear possa ter sua habitação assim como sua roça e utilizar os recursos naturais que a terra oferece – sendo dispostas em torno da casa e da presença do *tamõi* ou *jary*; afinal conforme certifica Ortiz (2019, p. 124) “a casa do líder da família é um local centralizador, ao redor do qual se movimentam toda a família, pois nela se localiza o altar onde acontece os rituais sagrados cotidianos denominados *jeroky*”.

Assim:

Quando a primitiva habitação da família-grande dos *Kaiowá* dos *Nhandevá* cede o seu lugar a certo número de casas para famílias elementares, ela não sofre apenas redução de tamanho, mas também mudanças bastante profundas em sua estrutura arquitetônica, aproximando-se em vários sentidos dos tipos de construção rural brasileira e paraguaia (SCHADEN, 1974, p. 26).

A configuração dos espaços internos, ou seja, a “ambientação” das casas indígenas – se assim pode-se chamar; fica restrita a utilização de poucos elementos como: bancos, esteiras, redes de dormir e de sentar e os utensílios domésticos – como as cestas e os vasilhames. De acordo com Suriani (2003, p. 7) “os selvagens⁶

têm unicamente por mobília suas armas, os objetos necessários à pesca e alguns recipientes de argila cinzenta cozida ao fogo”.

No que se trata dos utensílios domésticos, como os vasilhames, são comuns: pratos, tigelas, potes, moringas, panelas e vasos, caracterizados como a cerâmica tupiguarani⁷. Estes, de acordo com Silva (2015, p. 12) “são objetos que traduzem comportamentos, visões de mundo, valores tradicionais e identidade possibilitando uma melhor compreensão e uma leitura da cultura em que os mesmos estão inseridos”. No caso dos vasos, que são as peças de importante referência da cultura material deste povo, eram confeccionados em barro moldados, em sua maioria segundo Alonso (2013, p. 124) “com as bordas reforçadas e o fundo redondo (...) quando pintados recebiam uma decoração linear de cor escura (vermelho, marrom ou preto)”, conforme ilustra a imagem 7. Os indígenas da etnia Guarani eram “extremamente hábeis na arte da cerâmica, os artefatos produzidos eram utilizados para preparar e servir seus alimentos” (ARECO, 2016, p. 501) e, também, para fins ritualísticos.



Fonte: Arte indígena, 2021.

FIGURA 7

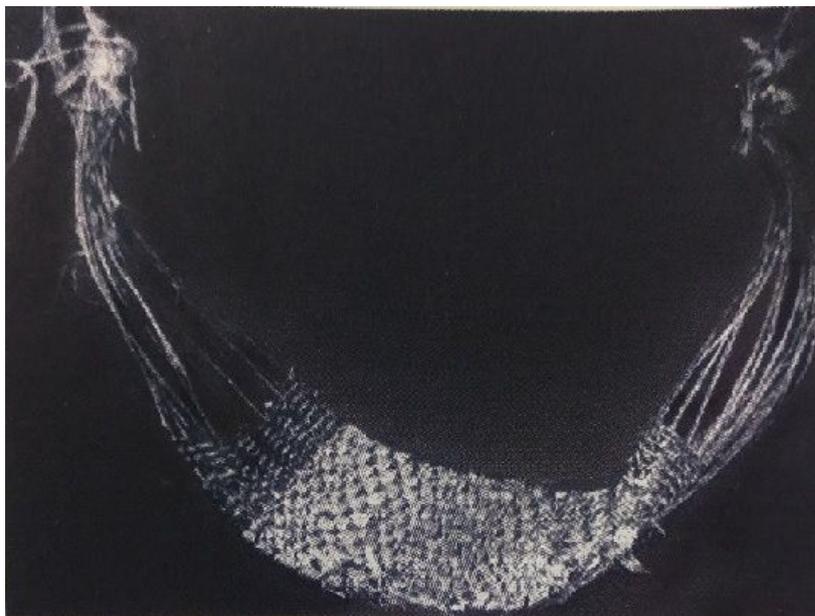
Cerâmica Guarani – *cambuchicaguâbá* – vasilha para beber

Segundo Silva (2015, p. 12) “o artesanato é ponto central da vida indígena. É por meio e partindo dele que podemos entender vários aspectos da organização do povo Guarani”. Os povos indígenas utilizam a cultura material para transmitir mensagens e informações, através dos grafismos pintados nas cerâmicas, tramados na cestaria e ornamentando as fachadas das malocas; valores, crenças e

simbologias são desenhados e difundidos pelos povos inclusive como fins ritualísticos e vão muito além de mera decoração.

Nhanderu (Deus) nos ensinou a trançar para que pudéssemos carregar as sementes de milho sagrado e também as crianças. E aos homens deu o arco e a flecha para caçar, para poder viver na floresta. As histórias dos antigos contam como tudo isso aconteceu. O artesanato era sagrado (Cacique Verã Mirim *apud* SILVA, 2015, p. 14).

Além da tradição em cerâmica, os Guaranis também exploram a arte da trama na confecção de redes (Imagem 8), esteiras e também da cestaria, este é um princípio místico para essa etnia, principalmente para os *Guarani-Mbyá*. De acordo com Feitosa; Menendez (2020, p. 169), “a produção da cestaria está relacionada ao conhecimento do território, de seus recursos naturais, concebido como um tipo de conhecimento legado pelos ancestrais, criadores da humanidade”, é um traço da memória deste povo.



Fonte: Suriani, 2003.

FIGURA 8

**Rede feita com *timbopeva*, tiras de embira e fóliolo de palmeira
– Grupo étnico Guaraní**

A técnica de tramar a palha retirada da fibra das palmeiras, ao confeccionar as peças da cestaria, propõe desenhos que se tornam significativos para a cultura,

no caso os grafismos, conforme relatado anteriormente; um dos desenhos característicos dos Guaranis, o *yparákorá*, que significa figura cercada, são quadrados fechados simulando as escamas das cobras (Imagem 9) significa, de acordo com Silva (2015, p. 25) “que a casa e as portas estão sempre abertas para os parentes de outras aldeias que vem visitar ou vem em busca de cura para a enfermidade”.



Fonte: Lorenzoni; Silva, 2009.

FIGURA 9

Cesto (*adjaka*) com ornamentação em grafismo *yparákorá* – padrão cobra cascavel – Grupo étnico Guarani

Por falar em casa de portas abertas, a hospitalidade é um hábito intrínseco entre os Guaranis, ou seja, quando um visitante chega à casa Guarani, uma casa asseada, varrida de uma a duas vezes ao dia com o *tapyitxá*, vassoura de alecrim ou *txiririka*. Segundo Schaden (1974, p. 29) “logo se convida o forasteiro a tomar assento no *apyká* (banquinho monóxilo, às vezes zoomorfo entre os *Mbyá*, que o denominam *tendá*); se acaso o chefe da família esteja ocupando o único banquinho que possua, levanta-se e diz: “*eguapy*”, sente-se!”.

E quando se trata de mobiliário, mesmo eles sendo raros, estes são carregados de significados deixando claro os hábitos e costumes de cada grupo, traço marcante da cultura material desses povos ditos primitivos (LÉVI-STRAUSS, 2017, p. 263). Um típico exemplo, acontece nas casas *Guarani-Mbyá*, nas regiões

mais frias, as redes foram substituídas pelas camas conhecidas como *Jirau*⁸ ou *Tarimba* (SCHADEN, 1974, p. 29), ilustrada na Imagem 10.

Mesas e cadeiras se encontram só a título de exceção. As peças do vestuário se costumam pendurar num cipó *imbé* esticado dentro da habitação; só os mais progressistas possuem um baú ou mala. Dentro ou fora da casa, os mais industriosos constroem uma armação de varas horizontais, bastante alta para não ser atingida pelos cachorros e que serve para guardar mantimentos ou utensílios de cozinha. Tudo o mais se guarda em cestos, se enfia debaixo do telhado ou se pendura nos sarrafos. Na parede, uma folhinha ou estampa de folhinha, uma policromia de santo ou, como em um caso, um grande retrato do Presidente da República, podem testemunhar o desejo mais ou menos vivo de se parecer civilizado (SCHADEN, 1974, p. 30).



Fonte: Amambai – Patrimônio da união de um povo, 2018.

FIGURA 10

Jirau ou Tarimba - cama rústica indígena

Mediante essa análise, é possível constatar o quanto a cultura indígena, a partir do olhar reflexivo das relações do ser humano com a casa, pensando na construção do vínculo e da coleta de memórias, é riquíssima do ponto de vista dos

costumes e da cultura material; de modo que é possível trazer para a contemporaneidade um retrato da civilização e sua identidade verdadeiramente brasileira a fim de que se possa comprovar a presença de traços marcantes entre as culturas.

Além disso, dentro do âmbito social, os indígenas Guaranis possuíam uma organização ímpar, onde cada membro pertencente à um grupo - homens, mulheres, crianças – recebiam atribuições específicas. A esse respeito torna-se importante ainda que se discuta a questão das mulheres, uma vez que eram vistas como detentoras da tradição cultural, que deveria ser transmitida aos descendentes pela oralidade e cuja relação mãe-filho se inicia desde a infância.

2. A relação da mulher Guarani no cotidiano familiar

Tal qual ocorre na história geral das sociedades, na história indígena as mulheres também não possuem espaço significativo nos relatos históricos, pois “somente na última década, o panorama de invisibilidade das mulheres indígenas nos estudos históricos vem se transformando de maneira extensa” (OLIVEIRA, 2019, p. 39), uma vez que elas foram fundamentais para a sustentação da cultura material e imaterial de seus núcleos nativos e das sociedades coloniais na América ao longo do século XVI.

Essa invisibilidade também pode ser relacionada a escassez de fontes que tratem sobre a cultura dos povos indígenas Guarani e à hegemonia da perspectiva masculina na escrita da história, em especial em períodos anteriores às Reformas Pombalinas (1750-1777)⁹, pois “a ação de escrever a história envolve necessariamente um processo de seleção dos fatos e de avaliação da sua importância. (...) cabe ao historiador a tarefa altamente delicada e interpretá-los e construir sua versão” (CARDOSO, 2008, p. 17); e à invisibilidade dos próprios povos indígenas, muitas vezes ditos como extintos, onde a transmissão de conhecimentos tradicionais ocorre de geração para geração por via oral, seus segredos seculares da economia da reciprocidade, do respeito e equilíbrio com o meio ambiente e da religiosidade (POVO, [200-?], p. 16).

Esses fatos somados ao pensamento colonial de que as mulheres eram mentalmente inferiores e naturalmente destinadas ao casamento e a maternidade, contribuíram, portanto, para esses silêncios da história, de modo que se percebe a ausência de muitas personagens femininas na história dos povos indígenas, na qual

o destaque continua sendo dado aos homens, uma vez que pouco se sabe e se registrou sobre a significativa participação das mulheres nas insurgências indígenas do país (MENDONÇA; SCHILLACI, 2019, p. 5).

Essas mulheres, quando retratadas, tanto nos textos, quanto nas imagens das crônicas coloniais dos primeiros contatos, eram sempre representadas com corpos e feições idênticas: “nuas, cabelos trançados, adornos típicos; estas eram distintas pela idade, na qual a velhice se faz um signo marcante, e por ações cotidianas descritas e ilustradas nas crônicas mais comuns as mais subversivas ao olhar europeu” (OLIVEIRA, 2019, p. 43). Essas mulheres eram responsáveis pelo trato com a terra e a prole, produção de comes e bebes, profetização e transe religioso, preparação (domesticação) do cativo para o ritual de antropofagia Guarani (consumo de carne humana), sendo este último um dos aspectos que comprova o protagonismo das mulheres no âmbito tribal.

As mulheres *Mbyá*-Guarani são responsáveis pela preparação dos alimentos. Todas as mulheres da unidade doméstica participam do ato de cozinhar, inclusive as meninas. Se na unidade só tiver uma mulher ela cozinhará sozinha. (...) É em torno da fogueira, onde quer que ela esteja, que ocorrem a maioria das atividades femininas e infantis (TEMPASS, 2005, p. 130-132).

A essas mulheres cabia ainda a organização e gestão das “noites de bebedeira”, pois eram responsáveis por todo o processo desde o preparo e acondicionamento da bebida até o ato de beber que por elas era regulado. Esse controle permitia ainda sua participação e influência nas importantes decisões políticas que aconteciam no âmbito doméstico. Tal constatação permite observar que não existe a inferiorização das atividades femininas frente ao ímpeto guerreiro masculino, pois segundo Oliveira (2019, p. 73) “a bebida, intimamente relacionada com as atividades xamanísticas, possui lugar central no sistema de guerra e vingança dos nativos”, o que permite compreender as relações de gênero das sociedades indígenas em geral.

Segundo Mendonça; Schillaci (2019, p. 9) “as mulheres têm o seu espaço nas atividades cotidianas e suas atividades não são exercidas por submissão ou escravidão”, elas tem sua participação reconhecida no cotidiano da aldeia e na missão como guardiã dos costumes tradicionais, o que se comprova na vivência das aldeias e nos papéis sociais, onde cabe a mãe ensinar aos filhos preceitos culturais: a língua, a ida à Casa de Reza (*Opy*) e o modo de ser (*nhnadereko*), de modo que, dificilmente a criança se separa da mãe nos primeiros anos de vida (até os sete anos

de idade); se a mãe não pode ficar com ela, por algum impedimento, fica com a avó, ou tia. As meninas convivem o tempo todo com as mulheres, mãe, avós, tias, irmãs mais velhas, pois as crianças aprendem pela observação (ROSA; NÖTZOLD, 2015, p. 2).

A relação das mães com seus filhos se dá muito antes do nascimento das crianças ou, até mesmo de sua concepção, uma vez que as moças recebem os ensinamentos ainda enquanto meninas, no período da primeira menstruação, e em seu resguardo recebem orientações da mãe ou da avó.

Os papéis e as funções do homem e da mulher, pai e mãe da criança são levados muito a sério a partir da concepção e cada um tem suas responsabilidades específicas. Essas responsabilidades e funções estão sempre relacionadas à criança que está se formando e nascendo. O papel da mulher é passivo, em contraste com a atividade do homem, considerado o principal protagonista da formação da nova pessoa. Através das muitas relações sexuais com a mulher grávida, cabe ao homem formar o sangue e o corpo do feto, por isso segue uma dieta alimentar com restrições ao sal, gordura, determinados tipos de carne, bebidas alcoólicas, entre outros alimentos que possam fazer mal à criança que vai nascer (ROSA; NÖTZOLD, 2015, p. 8-9).

Essas funções exercidas pela mulher Guarani, conforme citado anteriormente, visam o bem-estar do grupo como um todo, da aldeia de forma geral, principalmente de sua família mais próxima. É importante perceber que, segundo Rosa; Nötzold (2015, p. 12) “ela não reivindica isso como seu próprio, ou sendo exclusivo, o faz por uma condição cultural, não pela sua condição feminina”.

Após essa compreensão da moradia e das relações sociais que ocorrem com naturalidade no interior da cultura Guarani, foi possível identificar a existência de traços culturais, desses que são considerados os primeiros cidadãos brasileiros, nas relações da sociedade contemporânea, em especial, no ambiente doméstico conforme será mais bem esclarecido a seguir.

Considerações finais

Segundo Rossi (2010, p. 130) “pedaços do passado se reapresentam no presente, dando lugar a renascimentos ou a retornos”. Pensar no retorno, muitas vezes, parece estar implícito um *déjà vu*, mas é na verdade um regenerar-se, buscar

na memória aquele traço que falta para completar o presente. O que torna cada vez mais importante o entorno da memória e das lembranças na construção cultural contemporânea.

Para construir uma história, é fundamental ir ao “marco zero”, às origens uma vez que essa tem papel fundamental na definição das identidades individuais e coletivas. Conforme cita Candau (2019, p. 96) “quando um grupo é amputado da memória de suas origens, a elaboração que seus membros fazem da identidade se torna complexa e incerta”. Dessa maneira entender o vínculo constituído entre o ser humano e a sua moradia, avaliando as relações existentes entre ambos, seria incorreto e injusto se não buscasse às origens das formas de habitação no Brasil, que nesse caso é anterior à colonização, ou seja, a moradia dos povos ameríndios que para essa análise foi representado pela etnia Guarani conforme relatado anteriormente.

Se pensarmos na sociedade Guarani contemporânea, quando comparada com a do século XVI, percebe-se que parte de sua tradição fora perdida, uma vez que agora, eles não mais podem migrar para as terras que melhor lhe aprazem - característica central de sua cultura, afinal eram povos nômades; em busca de melhores condições de vida, pelo constante “processo de perda territorial e consequente confinamento em espaços extremamente exíguos de um contingente populacional muito superior ao padrão historicamente conhecido” (FUNAI, [20--?], s. p.), fato este que ocorre devido ao interesse do governo e de empresários por suas terras abundantes, o que inviabiliza sua itinerância e a durabilidade dos recursos naturais e reduz, por fim, sua qualidade de vida nos *Tekoha*.

Quando se trata da casa Guarani, ao conectar com a contemporaneidade é possível perceber alguns traços marcantes dessa cultura que se perpetuou no presente, como por exemplo a hospitalidade; claro que modelada conforme os preceitos culturais de cada comunidade que, de certa forma, se configura conforme suas experiências culturais. Para compreender esse traço, é importante entender o que significa a hospitalidade que pode ser facilmente compreendida como o ato de receber, hospedar e alimentar, conhecidos ou desconhecidos, no contexto doméstico, público ou profissional, pessoas que estão fora de seu habitat (CAMARGO, 2015, p. 46), fato esse que nas tribos Guaranis era e é exercido com muito esmero e muito cuidado o que não é incomum à sociedade urbana contemporânea.

Não só o fato da hospitalidade registra a influência da cultura Guarani na sociedade contemporânea, mas também a relação da mulher com a casa. Se tratarmos da questão feminina, do ponto de vista de costumes e tradição, é notável a presença de alguns traços persistentes na sociedade contemporânea - às mulheres cabiam os cuidados com a prole, a casa e o preparo de refeições, os quais podem ser atribuídos tanto a herança da sociedade colonial portuguesa ou dos povos indígenas que aqui habitavam (e ainda habitam), não sendo possível identificar claramente a linha tênue que divide essas duas tradições.

Embora as mulheres tenham sido protagonistas nas sociedades indígenas, uma vez que eram responsáveis pela gestão e controle de algumas atividades de suma importância na sociedade daquele tempo, cabendo a elas também influenciar em algumas atividades de cunho político no âmbito doméstico, esse traço pode ser percebido, ainda que em menor grau, na sociedade urbana contemporânea, em especial nas famílias cujas mulheres são “o chefe”, uma vez que a elas caberia todo o controle de despesas e afazeres do lar. Nas famílias constituídas por marido e mulher, sobretudo, esse aspecto é percebido em menor grau, tendo em vista que a maioria das atividades do lar ainda recaem sobre as mulheres, mesmo aquelas que trabalham fora, principalmente no contexto atual da pandemia do novo coronavírus (CAETANO, 2020, s. p.).

Assim sendo, os traços culturais e costumes do povo Guarani vêm sendo mantidos a duras penas no desenrolar da história do Brasil, uma vez que, embora sejam um povo cujas tradições são transmitidas oralmente de geração para geração pelo uso da língua nativa - em especial pelas mulheres, que tiveram alguns de seus “traços culturais” modificados ou perdidos por influência direta dos colonos portugueses, que impunham sua cultura, bem como pela sua situação atual dentro da sociedade urbana contemporânea - a distribuição de terras muitas vezes inviabiliza o cultivo de alimentos essenciais para a manutenção de sua cultura ou, até mesmo, para a sua organização dentro deste território.

Esse processo regressivo de perda cultural acaba por levar à aculturação desses povos nativos (não-ocidentais, “primitivos”), de modo que a preocupação passa a ser, então, o desaparecimento da diversidade cultural dos povos brasileiros, uma vez que a infiltração de produtos industrializados acaba por descaracterizar a cultura material uma vez que os fazeres assim como os objetos são substituídos. O que importa, todavia, não seria a manutenção dos traços históricos tradicionais em si, mas o cultivo de sua identidade, estabelecida por meio de traços maleáveis e

flexíveis - a cultura não precisa estar supostamente intacta, mas a diferenciação em relação à outras deve ser preservada - uma questão da memória; pela delimitação de fronteiras traçadas por elementos com origem cultural escolhidos em um contexto atual.

Com o passar dos tempos, é notável a adaptação do povo Guarani face aos novos cenários, um processo glocal¹⁰; uma vez que vêm se adaptando (ainda que contra sua vontade) às mais diversas situações às quais são submetidos, sem, contudo, perder a sua essência: a oralidade na transmissão de geração para geração de sua língua e cultura e a filosofia da busca pela Terra Sem Males. É um grande povo, que tem forte ligação com as terras do nosso continente e luta para defendê-las desde os tempos que nossa memória não alcança. Um povo que resiste no decorrer dos séculos contra todas as formas de dominação (educativa, militar, econômica e religiosa) e é capaz de manter seu espírito livre. *Anauê*¹¹(salve), Guarani.

NOTAS

1. Esse artigo é um produto de pesquisas realizadas no Doutorado do Programa de Pós-graduação em Design da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais – ED/UEMG; das pesquisadoras Larissa Alencar e Luciana Avellar; ambas sob a orientação da professora doutora Marcelina das Graças de Almeida.
2. Cosmovisão - Conceção ou visão de mundo. Um modo particular de perceber o entorno, geralmente, levando em conta as relações humanas, buscando entender questões filosóficas, como por exemplo a existência humana, a vida após a morte entre outros (RIBEIRO, 2012, p. 5).
3. Os povos Guarani são originários de uma identidade indígena nominada como Tronco Tupi – de onde se deu a denominação Tupi-guarani.
4. Vale ressaltar que são encontradas outras variantes de grafia como: *Nandevá*, *Mbuá* e *Kaiová* ambas podem ser vistas nos mais diversos textos científicos. Para fins deste artigo será utilizado o padrão conforme demonstrado no texto.
5. *Takohá* – Significa o território Guarani; local onde os índios *Guarani-Nhandevá* organizam sua aldeia (ORTIZ, 2019, p. 122). A palavra Tekoha é a forma que o povo Guarani se refere a sua terra tradicional. Porém, mais do que um simples espaço ocupado por um grupo ou de onde se retira sua subsistência, é nesta terra em que se produz toda cultura Guarani (POVO, [200-?], p. 8).
6. Vale ressaltar que essa expressão foi utilizada pelo autor para se referir aos povos indígenas o que não reflete o pensamento das autoras quanto a esses povos, nem tão pouco significa que não sejam civilizados.
7. Tupiguarani – (sem o uso do hífen) terminologia adotada na arqueologia condizente à tradição ceramista Tupiguarani; assim, a nomenclatura é aqui relativa ao trato com o barro; sendo que o termo Tupi-guarani engloba o universo linguístico, de costumes, de

rituais e de certa forma os aspectos tecnológicos cuja cerâmica está inserida (ALONSO, 2013, p. 122).

8. Jirau - estrado de vara ou tábuas, apoiado em esteios, usado como cama ou para diversos outros fins - incluindo armazenamento, lavagem de roupa ou louças, entre outros (BIBLIOTECA DIGITAL CURT NIMUENDAJÚ, 2021).
9. Às mulheres de todas as classes sociais era vedado o acesso à leitura e escrita, especialmente, às indígenas (CARDOSO, 2007, p. 218).
10. Glocalismo: movimento de hibridação das culturas em tempo real (AVELLAR, 2011, p. 94).
11. Termo extraído do dicionário de Tupi-guarani, disponível no site da Fundação Nacional do índio (FUNAI): <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto43/FO-CX-43-2739-2000.pdf>.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Franklin da Silva. O desenvolvimento cerâmico na cultura Guarani. *Revista Mundo Antigo*. Campo dos Goitacazes, RJ, v. 2, n. 1, p. 121-133, 2013.

ARECO, Silvino. Cultura Guarani: a palavra original é caracterizada pela palavra que conta os mitos. *Amazônica: Revista de Antropologia*, v. 8, n. 2, p. 496-516, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/amazonica/article/view/5054>. Acesso em: 12 abr. 2021.

BRAGA, Robério. O bem cultural na Amazônia. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 61, n. 3, p. 33-36, 2009. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252009000300013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 25 mar. 2018.

CAETANO, Rodrigo. COVID-19: dupla jornada aumenta vulnerabilidade das mulheres, diz ONU. 2020. Disponível em: <https://exame.com/carreira/covid-19-dupla-jornada-aumenta-vulnerabilidade-das-mulheres-diz-onu/>. Acesso em: 16 mar. 2021.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. 12, n. especial, p. 42-70, 2015.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2019.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARDOSO, Rafael. *Uma introdução a história do design*. São Paulo: Blucher, 2008.

CARDOSO, T. F. L. As bases da educação: as aulas régias, a academia militar, as aulas de anatomia. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 436, p. 217-240, 2007. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=0B52TfDyGHoA1b0tGVnROS0JKemM>. Acesso em: 4 mar. 2020.

COHN, Clarice. Culturas em transformação: os índios e a civilização. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 36-42, 2001.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Intérpretes do Brasil 2 – saberes*. Direção: Isa Grinspum Ferraz. Produção: Jorge Grinspum. Brasil: Produtora Texto e Imagem, 2002. Duração: 19:32. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-PZWDWupnWQ>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FEITOSA, Antônio Cordeiro; MENENDEZ, Larissa. Espaço e lugar: cestaria canela Ramkokamekrá. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 17, n. 17, p.156-174, 2020.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). *História e cultura Guarani*. [20--?]. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/1947-historia-e-cultura-guarani?start=1#>. Acesso em: 13 abr. 2021.

GUERRAS do Brasil: *As guerras da conquista*. Direção: Luiz Bolognesi. Produção: Laís Bodanzky; Luiz Bolognesi. São Paulo: Produtora Buriti Filmes, 2018. Duração: 26:43. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81091385>. Acesso em: 25 de março de 2021.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; FARIAS, Priscila; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia básico de Educação Patrimonial*. Brasília, Iphan, 1999. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2018.

LE GOFF, Jacques. Patrimônio histórico, cidadania e identidade cultural: o direito à memória. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Ubu, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Papyrus, 1989.

MENDONÇA, Caroline Leal; SCHILLACI, Manuela. *Mulheres indígenas da tradição*. 2019. Disponível em: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2019/03/livro-mulheres-indigenas-tradicao.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

NORA, P. Entre memória e espaço: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Andressa Inácio de. *Mulheres brasílicas, mulheres platinas: as representações das mulheres tupi-guarani nas Histórias Verdadeiras de Hans Staden e Ulrich Schmidl*. Niterói, 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense.

ORTIZ, Rosalvo Ivarra. Artes, artefatos e cosmologia entre os Guaranis (Nhandeva) em Dourados, Mato Grosso do sul (Brasil). *Revista Antropológicas*, Recife, ano 23, v. 30, n. 2, p.120-155, 2019.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 115-140, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*. p. 3-15, 1989.

POVO Guarani. Grande Povo! Vida, terra e futuro. 200-? Disponível em: <http://djweb.com.br/historia/arquivos/cartilha02.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021;

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. Petrópolis: Vozes, 1977.

RIBEIRO, Priscilla Barbosa. *A sociodiversidade indígena no Brasil*. São Paulo: UNIFESP, 2012.

ROCHA, Tháise Sá Freire. Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-MG, 18. 2012. *Anais...* Mariana: Edufop, 2013. Disponível em: http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340766055_ARQUIVO_Artigo-Anpuh.pdf. Acesso em: 29 nov. 2018.

ROSA, Helena Alpini; NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. Cultura e tradição Guarani a partir dos papéis sociais das mulheres. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 18. *Anais...* Florianópolis, 2015.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: EDUSP, 1974.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. El Guarani em Rio Grande do Sul: lacolonización del Monte y los frentes de expansión. *Estudios Leopoldenses*, São Leopoldo: Unisinos, v. 18, n. 64, p.185-206, 1982.

SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Alexandre da. *O grafismo e significados do artesanato da comunidade Guarani da linha gengibre – desenhos das cestarias*. Florianópolis, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Indígena Intercultural) – Universidade Federal de Santa Catarina.

SILVA, Fernanda Isis C. da Silva; SOUZA, Edivanio Duarte de. *Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel*. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 215-222, 2006.

SURIANI, Rogério Massaro. *Releitura das ambientações brasileiras: cinco séculos de história*. São Paulo: Senac, 2003.

Larissa Albuquerque de Alencar é Professora do Departamento de Design e Expressão Gráfica da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), com bolsa do Programa de Bolsas de Pós-Graduação em Instituições fora do Estado do Amazonas – PROPG-CAPES/FAPEAM. Mestra em Ciências Florestais e Ambientais e Graduada em Desenho Industrial pela UFAM. Especialização em Engenharia de Produção com ênfase em Recursos Produtivos e Graduada em Tecnologia em Manutenção em Mecânica pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Luciana de Castro Maeda Avellar é Doutoranda em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), com bolsa CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Mestra e Graduada em Design pela UEMG.

Marcelina das Graças de Almeida é Professora da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Doutora, Mestra e Graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Como citar:

ALENCAR, Larissa Albuquerque; AVELLAR, Luciane de Castro Maeda; ALMEIDA, Marcelina das Graças de. Os povos Guarani e suas relações cotidianas: uma memória em construção. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 17, n. 1, p. 9-34, jan./jun. 2021. Disponível em: pem.assis.unesp.br.